

O CAMPO DE ATUAÇÃO DA MUSEOLOGIA¹

"(...) As idéias novas deviam ser encaradas como objetos preciosos, merecedores de especial atenção particularmente quando parecem um pouco estranhos.

Não estou insinuando que passemos a receber com agrado as idéias novas porque novas. Mas não devemos manifestar o desejo de suprimir uma idéia nova, mesmo se ela não nos parece muito interessante".²;
(*POPPER [1976:105]*)

INTRODUÇÃO

Os organizadores do V FÓRUM NORDESTINO DE MUSEOLOGIA indicaram-me para discussão o tema: O CAMPO DE ATUAÇÃO DA CIÊNCIA MUSEOLÓGICA. Sem nenhuma combinação prévia decidi, assumindo o ônus dessa decisão, alterar de forma singela o tema proposto, passando a denominá-lo de O CAMPO DE ATUAÇÃO DA MUSEOLOGIA. E explico porque. Considero pouco produtiva a discussão em torno de uma possível aplicação da categoria ciência à museologia, e isto porque, apesar dos esforços de diversos intelectuais, a demarcação nítida do que é ou não é ciência não está totalmente definida e é passível de ideologização. Interessa-me muito mais perceber e discutir os fundamentos epistemológicos da museologia independentemente do fato de ela ser considerada uma ciência, uma prática, uma arte ou uma disciplina - como particularmente prefiro considerá-la.

Assim, extraindo os artigos e as preposições fiquei reduzido a três pontos fundamentais para o desenho dessa palestra: CAMPO - ATUAÇÃO - MUSEOLOGIA.

O termo atuação, mediador entre a museologia e o seu campo, diz respeito a uma relação profunda entre a reflexão e a ação, entre a teoria e a prática.

O termo campo, que tanto se aplica a campo de futebol, quanto a campo eletromagnético, indica em qualquer hipótese uma delimitação determinada e necessária.

O termo museologia dirige a atenção de todos nós para o cerne das questões levantadas e tratadas por este Fórum de debates.

A palestra ora apresentada divide-se em duas partes. A primeira (seções I a V) discute de um ponto de vista geral a construção de teorias científicas e a segunda (seções VI a XIII) discute o estágio atual da museologia, considerando-o como um momento de grande fertilidade, se não decorrente, pelo menos estreitamente relacionado com uma crise de identidade perfeitamente identificável.

PRIMEIRA PARTE

I - Tijolo por tijolo

Assim, como quem constrói uma casa, "tijolo por tijolo num desenho lógico"³, assim também o cientista constrói o seu edifício teórico. Como toda e qualquer construção, a construção teórica é seletiva, voluntária, limitada e condicionada no tempo e no espaço. Em outras palavras, toda a construção é parcial, expressa uma determinada concepção do mundo, e está carregada de historicidade.

Assim como uma casa construída no século XVIII, por exemplo, sem rede de esgotos e sem rede hidráulica, precisa de reformas para se adaptar às necessidades do mundo atual, ainda que possa manter as linhas arquitetônicas originais, assim também as construções teóricas são dinâmicas e tendem a sofrer reformas ao longo do tempo.

Assim como uma casa abandonada e sem uso social tende a entrar em decadência e ruína, assim também um determinado edifício teórico tende a entrar em colapso e deterioração quando perde o seu poder heurístico e o seu poder de previsão, quando são rompidos os seus laços com o desenvolvimento da sociedade.

Na esteira das analogias aqui tecidas pode-se perguntar: O que são os alicerces em uma construção de caráter científico? O que são os tijolos que estabelecem o seu desenho lógico?

II - Amarrando opiniões

Antes de responder às questões acima apresentadas e até mesmo para que se possa compreender o que se está denominando de construção teórica, é conveniente abordar o tema: teoria.

O vocábulo teoria não é de conceituação simples. Em verdade, existem diversos significados para o mesmo termo. Na antiga Grécia a palavra teoria esteve vinculada à idéia de contemplação, vida contemplativa, especulação, beatitude. Este é o sentido que Aristóteles, por exemplo, em seu livro *Ética à Nicômano*, confere ao termo⁴. Nesta ordem de idéias, a teoria é alguma coisa absolutamente descompromissada com a prática e alheia à própria realidade em que vive e se move aquele que teoriza. Em última análise, este é também o sentido que o senso comum atribui ao termo, o que se revela através de expressões como estas: "A teoria na prática é diferente". "Fulano é teórico, vive no mundo da lua, é um sonhador".

Está claro, no entanto, que esta não é a única acepção possível para o termo teoria. Interessa aqui compreendê-lo, ao lado de cientistas e filósofos, como um sistema organizado de conceitos, observações, hipóteses, experimentações e leis que se constrói a partir da relação entre o sujeito e o objeto, numa determinada situação espaço-temporal, comprometido historicamente com a realidade em que vivem e interferem o sujeito e o objeto. Assim compreendida, a teoria não é alguma coisa que se colhe, como uma flor, a partir dos dados objetivos, a partir da experiência: e muito menos é criação subjetivista desvinculada do plano da objetividade. O discurso teórico se constrói no diálogo entre o sujeito e o objeto de conhecimento. Este discurso não é completamente transparente e não possui um sistema de defesa imunológica completamente resistente às influências dos juízos de valor, das ideologias, das idéias preconcebidas. "O

pesquisador - afirma BACHELARD - não consegue se desembaraçar por completo de todas as suas crenças, preconceitos, imagens ou hábitos mentais legados, ou mais ou menos impostos pela sociedade. A idéia de se partir do zero não passa de um mito". (s.d.) Ao não se desembaraçar de todas as suas crenças, imagens, preconceitos e hábitos mentais, o pesquisador transforma inevitavelmente o problema da elaboração de uma teoria não apenas numa questão de lógica, mas numa questão eminentemente antropológica. (PEREIRA [1986]).

Recuperando o rumo da analogia anterior, mesmo reconhecendo as suas limitações e o "perigo" decorrente de se comparar o não-comparável, pode-se afirmar que o alicerce sobre o qual se constroem as teorias científicas é o senso comum, mesmo quando algumas destas teorias, como é o caso do sistema heliocêntrico, contrariam as observações do senso comum.

O denominado senso comum, estreitamente vinculado à *doxa* (ou opinião), é formado por um conjunto de informações não-sistematizadas, não-críticas, às vezes inconscientes, que podem estar corretas ou não, podem ser úteis ou não (CARVALHO [1989]). A crítica ao senso comum, o abandono das opiniões incoerentes, o descarte das opiniões refutadas por testes, eis a base necessária para o desenvolvimento da ciência. BACHELARD, sustenta claramente que "o trabalho científico exige que tenhamos idéias prévias, idéias preconcebidas: elas podem e devem ser controladas pelos "fatos", mas não provêm deles de modo direto".

Mesmo reconhecendo o papel desempenhado pela *doxa* no campo da teoria científica é importante, à semelhança do que faz Sócrates, no diálogo *Menon*, de Platão, citado por CARVALHO [1989] que se estabeleça uma distinção ente opinião e ciência. "E assim, pois, quando as opiniões certas são amarradas - diz Sócrates - transformam-se em conhecimento, em ciência, permanecem estáveis. Por este motivo é que dizemos ter a ciência mais valor do que a opinião certa: a ciência se distingue da opinião certa por seu encadeamento racional".

A amarração a que se refere Sócrates não é dada, não é casual, não é gratuita, ao contrário é resultado do trabalho do pesquisador, é fruto de um trabalho de construção. A amarração ou a sistematização de conceitos e observações só é possível após um trabalho de seleção, de triagem, que separe, ainda que provisoriamente, a opinião certa da não-certa, de acordo com os parâmetros da teoria em construção.

O que fala de Sócrates, no entanto, não esclarece é que a amarração não tem necessariamente um único sentido, uma única direção. Diversas e diferentes amarrações são possíveis a partir da mesma base de "amarráveis". Em outras palavras, a partir dos mesmos alicerces construções diferentes podem ser erguidas.

III - Construindo

Diversos componentes participam de uma construção teórica. Entre estes componentes importância fundamental cabe aos conceitos.

Os conceitos enquanto representações mentais e, à semelhança dos tijolos, são elementos estruturais nas teorias científicas. Sem estas representações mentais o conhecimento seria impossível, a linguagem seria impossível.

LITTLEJOHN [s.d.] em seu livro *Fundamentos Teóricos da Comunicação Humana*, ao discutir a natureza da teoria, segue esta mesma ordem de idéias e afirma: "A totalidade do mundo simbólico de uma pessoa - tudo o que ela sabe ou diz - é função da formação de conceitos".

Numa construção teórica, no entanto, diferentemente do que ocorre com os tijolos numa construção física, os conceitos não são estáticos. Eles são dinâmicos e estão em permanente devir. Os conceitos se transformam, aperfeiçoam-se gradativamente. Como afirma KAPLAN, citado por LITTLEJOHN: "(... quanto melhores forem os nossos conceitos, melhor será a teoria que podemos formular com eles e, por sua vez, melhores serão os conceitos para a teoria aperfeiçoada que se seguirá".

Além dos conceitos, LITTLEJOHN identifica em algumas construções teóricas outros três componentes, a saber: as relações entre conceitos, as explicações e previsões, e os enunciados e prescrições de valor.

As relações entre os conceitos criam espaços relacionais específicos, criam linhas de força no corpo da teoria e permitem a operação com suposições, hipóteses e leis. Os espaços relacionais específicos se apresentam como campos ou subcampos de estudo, independentemente do aspecto geral da teoria. É interessante notar que uma alteração nos conceitos altera as linhas de força, *altera o campo relacional*.

As explicações e previsões são um componente diretamente relacionado com a função heurística da teoria. Para cumprir esta função é necessário que a teoria disponha não apenas de instrumentos capazes de dizer (ou descrever) o que acontece, mas também de equipamentos conceituais articuláveis capazes de explicar o porque de tais e quais fatos, processos e fenômenos. Uma teoria capaz de explicar o porque desta ou daquela ocorrência é também capaz de prever determinadas ocorrências a partir do conhecimento de determinadas condições.

O quarto e último componente (enunciados e prescrições de valor) aparece em muitas construções teóricas como princípios, como juízos de valor pessoal ou social. É interessante considerar neste momento que o cientista não é um ser isolado do mundo, ele é também um ser de relação. A carga valorativa da ação do cientista na construção da teoria científica se revela com intensidade no momento em que se delimita o objeto de estudo, em que se dirige e se fixa o olhar para um determinado ponto.

"O cientista - esclarece BACHELARD - não é este ser racional e consciente cujos gestos seriam todos objetivos, cujos pressupostos seriam todos conhecidos e explicitados, cujo método seria completamente transparente e protegido contra toda influência perturbadora".

IV - Relação entre a teoria e a experiência

Ao se admitir que as teorias - construções humanas - estão em permanente devir, se está admitindo também que elas não são verdades acabadas, não são inquestionáveis. A ótica construtivista, diferentemente da positivista, compreende que a teoria não é reflexo dos "fatos". Um "caldo" teórico não pode ser extraído dos fenômenos, como quem extrai o suco de uma laranja, simplesmente por que a teoria não está contida nos fenômenos. Por outro lado, os fatos e os fenômenos não são inquestionáveis, são também construções dos pesquisadores.

Por este prisma, compreende-se que as teorias não são espelhos da realidade, mas a própria invenção da realidade. A experimentação, tanto quanto a observação está impregnada de teoria. Como assevera CARVALHO [1989] ao discutir o problema da indução em Popper: "O conhecimento não tem início com a experiência, mas com uma teoria, que no confronto com a experiência é corroborada ou refutada. A ciência começa com a percepção de um problema, que nada mais é que a discrepância entre uma teoria, convicção ou expectativa, e os dados da observação. Sem uma teoria prévia não é possível qualquer observação".

V - Desconstrução da teoria

Como as teorias do ponto de vista construtivo não são extraídas dos fenômenos, é de pouca utilidade buscar reduzi-las à experimentação com o objetivo de alcançar a comprovação, posto que a comprovação experimental não é nenhuma garantia do caráter científico de uma determinada teoria.

A possibilidade de refutação que em certo sentido é também a possibilidade de desconstrução da teoria seria a sua garantia de cientificidade. Para Kuhn, no entanto, isto não se processa dessa forma. Para ele o abandono de um paradigma, de um determinado modelo teórico, tem por base não a refutação, mas a morte gradual

daqueles pesquisadores que sustentavam ou partilhavam o paradigma anterior, e a conversão gradual de alguns pesquisadores, com base em razões muito diversas.⁵ Assim, enquanto para POPPER o abandono de uma teoria estaria calcado em um comportamento racional e crítico, para KUHN a atividade científica passa também pela irracionalidade. É possível, no entanto, pensar que sendo a teoria científica resultado do trabalho humano, e sendo o homem um ser complexo e contraditório, racional e irracional num só tempo e corpo, é possível pensar - repita-se - que tanto os testes de refutação, quanto a morte dos cientistas colaborem para a construção de novas teorias e a desconstrução de outras.

A ciência se assemelha a um jogo lúdico de construir e desconstruir casas. A desconstrução de teorias joga um jogo bastante importante dentro do campo científico. Não haveria razão para se buscar construir uma teoria nova, se a anterior não estivesse em colapso, se a anterior continuasse respondendo aos problemas criados pelos pesquisadores. As teorias não são campos tranquilos, são campos de luta, são campos de tensão entre o conhecimento e a ignorância, entre a superação e o obstáculo.

SEGUNDA PARTE

VI - Alguma coisa acontece no coração da museologia

Em 1958 durante o *Seminário Regional da Unesco Sobre o Papel Pedagógico dos Museus*, realizado no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, a Museologia foi claramente definida como "a ciência que tem por objeto estudar as funções e a organização dos museus".

Em 1963 Luigi Salerno, em texto denominado *Museu e Collezioni*, publicado na Enciclopedia Universal dell'Arte, Vol. IX, Veneza/Roma, afirmava que a "Museologia se ocupava de todos os

problemas do museu e sua finalidade é estudar, conservar, relacionar e tornar acessível para a atualidade os testemunhos da civilização".

Em 1972 Iker Larrauri, por seu turno, definia a Museologia como "a ciência dos museus".

Estas três ligeiras referências (CASTRILLON-VIZCARRA [1986:20]) servem para deixar patente que há quarenta, trinta e mesmo há vinte anos atrás a Museologia estava claramente definida como "a ciência (logia) que trata dos Museus".

Nos últimos vinte anos, no entanto, um observador atento irá deparar-se com uma grande efervescência no campo da prática e da teoria museal. É no bojo dessa efervescência que surgem diversas tentativas de reconceituação da museologia. Ora, o que está acontecendo com esta área de conhecimento?

Esta é a pergunta que insistentemente tenho mantido sob a alça da mira de um olhar reflexo. Hoje, aqui neste V Fórum, valendo-me principalmente, mas não exclusivamente, do suporte teórico de Thomas S. Kuhn [1991] coloco em pauta alguns resultados de reflexões orientadas para responder a essa questão.

As três definições anteriormente citadas permitem pensar que houve um tempo em que a museologia esteve tranquilamente estabelecida. Os intelectuais, os pesquisadores, os praticantes da museologia tinham bastante clareza a respeito do seu campo de atuação e de seu objeto de estudo. O paradigma⁶ museal estava estabelecido, assentado, aceito e partilhado pela comunidade técnico-científica operante na área museológica. Esta situação corresponde inteiramente ao que T. S. KUHN denomina de "ciência normal"⁷, que só passa a existir a partir da vitória de um determinado paradigma. É com base neste paradigma que o cientista normal sustenta a sua visão de mundo recorta epistemologicamente a realidade.

A instrução e o treinamento recebidos por aqueles que postulam acesso à determinação área de conhecimento preparam a aceitação do paradigma estabelecido (ou em estabelecimento). Com base nesta assertiva deduz-se a importância das escolas de formação

profissional para o enfraquecimento ou fortalecimento de determinadas correntes teóricas.

É importante destacar, para melhor compreensão do tema, que a tendência da "ciência normal" é suprimir as novidades e as idéias novas, uma vez que estas podem "subverter a ordem estabelecida" (KUHN (1991:24). Uma das características da "ciência normal" é não estar primariamente orientada para a emergência do novo. No entanto, a própria dialética do conhecimento presente mesmo na "ciência normal" garante que o novo não seja definitivamente impedido de florescer.

VII - Da museologia normal à museologia extraordinária

"(...) Se alguém falasse ou escrevesse sobre Museologia como uma ciência há trinta, ou mesmo vinte anos atrás, receberia um sorriso indulgente e piedoso de grande número de pessoas. Hoje, a situação é bastante diversa".⁸

Este texto datado de agosto de 1883, publicado em Dresden, através do periódico *Estudos de Museologia e Antiguidades e Ciências Afins* (n. 15), ainda que isto não esteja explícito, considera a instituição museu como objeto de estudo da museologia e revela a longa tradição deste paradigma, internalizado, pelos militantes da profissão museal ao longo de mais de 100 (cem) anos.

Durante muito tempo as investigações científicas - descritivas, aplicadas e teóricas - se orientaram de acordo com este pressuposto paradigmático. Questões referentes aos fundamentos da museologia não eram consideradas relevantes.

No entanto, no atual século, a partir da década de 70 e sobretudo na década de 80, alguns intelectuais começaram a recolocar questões que aparentemente, para aqueles que estavam em paz com a museologia normal, estariam respondidas.

Quem nasceu primeiro a museologia ou o museu?⁹

O que é museologia?

O que é museu?

Qual a relação da museologia com o museu?

Qual é o objeto de estudo da museologia?

Existe uma metodologia museológica?

Existe uma museologia que independe da instituição museu?

Qual é o papel social do museu e da museologia?

A neutralidade científica e política da museologia não será uma balela?

Com estas e outras questões o universo museal começou a ser revirado. Os praticantes da museologia se deram conta de que não estavam mais diante de um campo tranquilo, em relação ao qual o único trabalho que restava era podar as plantas, garantir a colheita e extirpar as ervas daninhas. Não. O próprio conceito de campo estava em questão.

Em outros termos: os intelectuais da museologia compreenderam que o lago de águas calmas e transparentes foi inundado e profundamente remexido. As águas ficaram revoltas e barrentas. Não há mais clareza sobre o paradigma museal. O momento é de crise.

Esta situação de crise no campo da museologia está articulada:

a) com os problemas enfrentados e discutidos no âmbito de disciplinas como a história, a arqueologia e a antropologia que passam ou passaram recentemente por processos de renovação; b) com a redefinição política e ideológica de diversos profissionais; c) com o desenvolvimento de atividades práticas até então não previstas nos manuais museológicos; d) com o surgimento de uma nova tipologia de museus - museus comunitários, ecomuseus, museus da vizinhança, etnomuseus etc. Num primeiro momento estes novos museus colocaram em cheque e sacudiram as estruturas dos museus tradicionais; e) com a constatação de que a museologia normal não

mais responde satisfatoriamente às questões colocadas. Sendo necessário, portanto, recorrer a uma museologia extraordinária, o que, em última análise, significa buscar construir novos paradigmas.

VIII - Candidatos a paradigma ou articulações concorrentes: Vai para o trono ou não vai?

Segundo Thomas S. KUHN:

"A proliferação de articulações concorrentes, a disposição de tentar qualquer coisa, a expressão de descontentamento explícito, o recurso à Filosofia e ao debate sobre os fundamentos, são sintomas de uma transição da pesquisa normal para a extraordinária". [1991:123]

Um olhar arguto poderá, com segurança, identificar todos estes sintomas na museologia. Inegavelmente o momento presente é de "obscurecimento" do paradigma museal e o "consequente relaxamento das regras que orientam a pesquisa normal". (KUHN [1991:115]).

Reconhecendo a existência das articulações concorrentes Z. Z. STRANSKY indicou que a museologia do atual momento não tem "um" objeto de conhecimento, e sim, "tendências de conhecimento". Debruçando-se sobre estas diferentes tendências P. V. MENSH identifica a seguinte tipologia de opiniões:

"a) - a Museologia como o estudo das finalidades e da organização dos museus.

b) - a museologia como estudo da implementação e integração de um número básico de atividades envolvendo a preservação e o uso da herança cultural e natural:

1 - no contexto da instituição museu

2 - independentemente de quaisquer instituições,

c) - a museologia como o estudo:
1 - dos objetos museológicos
2 - da musealidade, isto é, uma qualidade distintiva dos objetos de museu;

d) - a museologia como estudo de uma relação específica entre o homem e a realidade". (MENSCH)

A tipologia acima apresenta como tendências do conhecimento em voga, um paradigma ameaçado - a museologia como o estudo dos museus - e três candidatos a paradigma museal.

O paradigma ameaçado, em virtude de sua longa tradição, é aquele que mais se aproxima do senso comum. Colocado em cheque através da bem humorada interrogação de Vinos SOFKA (1987) - Quem nasceu primeiro o museu ou a museologia? - bombardeado pelos trabalhos de I. JAHN (1980), K. SCHREINER (1982), Z. Z. ZTRANSKY (1980), A. GREGOROVA (1980). W. RUSSIO (1981) e outros, ele dá claros sinais de exaustão.

A questão, portanto, é saber dentre os candidatos a paradigma qual será aquele que se estabelecerá e receberá o aval da comunidade museológica. Não estou neste momento levando em consideração a constituição de escolas de pensamento que sustentam teorias independentes.

Como esclarece CARVALHO [(1989:87)]:

"A transição de uma concepção de mundo para outra é menos o efeito da argumentação lógico-racional do que o resultado de um processo que se realiza mediante ajuda da fantasia e da intuição. Contudo, o novo paradigma só poderá se impor caso os cientistas sejam capazes de vislumbrar conexões até então inesperadas.

A questão é que, de início, um novo paradigma não soluciona todos os problemas deixados em aberto pelo paradigma anterior".

De qualquer modo o que parece certo é que o paradigma vitorioso deverá ser capaz de sintetizar e absorver os outros candidatos a paradigma, absorvendo conseqüentemente os problemas gerados pelos mesmos.

IX - Guerra das estrelas I: o retorno às funções

A Museologia compreendida como a disciplina que estuda as atividades de preservação e utilização do patrimônio cultural e natural (item *b* da tipologia anteriormente apresentada) além de ter um caráter funcionalista, parece reduzir a disciplina em apreço às questões de ordem prática, descritiva e operacional, deixando de levar em consideração, por exemplo, aquelas questões que situam-se no campo das mentalidades e das ideologias. Por outro, ao focalizar a atividade museal como objeto de estudo, os intelectuais funcionalistas da museologia aproximam-se de Talcott PARSONS que centra o seu sistema sociológico sobre a idéia da ação, e afastam-se de Robert MERTON que introduz no funcionalismo os conceitos de funções manifestas e funções latentes, até hoje não trabalhados na museologia.

"Merton denomina funções manifestas aquelas conseqüências objetivas que contribuem para o ajustamento ou adaptação do sistema, que são intencionais e reconhecidas pelos participantes do sistema. Funções latentes são aquelas que não constam das intenções, nem são reconhecidas. O conceito de função latente amplia a atenção do observador para além da questão manifesta".

(TRIVIÑOS [1992:87])

Ao que tudo indica T. SOLA e P. V. MENSCH procuram defender esta abordagem funcionalista da museologia e dos museus, ainda que em certos momentos pareçam pender para outras posições. MENSCH [1989:47] chega ao ponto de definir a museologia a partir das três funções básicas ou seja: a preservação, a investigação e a comunicação de evidências materiais do homem e de seu meio. O que no entanto parece não estar considerado é o caráter ideológico dessas

funções e as contradições internas existentes em cada uma delas. A falta de uma abordagem dialética, em minha opinião, prejudica imensamente o desenvolvimento desse candidato a paradigma.

"Com efeito - afirma TRIVIÑOS [1992:82] - reiteradas vezes a análise estrutural-funcional foi acusada de conservadora, defensora do equilíbrio e da adaptação social, o que, segundo nosso ponto de vista, é verdadeiro. Isto, em geral, se choca com a realidade dos povos subdesenvolvidos que reclamam mudanças substanciais em suas formas de vida que não se conciliam com as transformações dentro do sistema estabelecido, até superficiais, que propiciam os estrutural-funcionalistas".

X - Guerra das estrelas II: a missão da musealidade

A museologia compreendida como o estudo dos objetos museológicos, ou mesmo, como o estudo de uma qualidade distintiva dos objetos de museu - isto é, a musealidade (item *c* da tipologia anteriormente apresentada) - é tão limitada quanto a compreensão da museologia como sendo a ciência dos museus. Considerar os objetos como gema da museologia é o mesmo que considerar, por exemplo, os remédios e os instrumentos cirúrgicos como os principais elementos da medicina. A concentração nos objetos afasta a museologia do campo das ciências humanas e sociais, e parece desconsiderar o espaço de manifestação desses objetos, bem como a relação dos mesmos com o homem/sujeito - criador, conservador e destruidor de bens culturais. O objeto museológico, seja ele qual for, só tem sentido em relação.

XI - Guerra das estrelas III: um salto no vazio ou eu tenho a força

"Aderir a um novo paradigma é como dar um salto no vazio (...)" (CARVALHO [1989:87]). Este foi precisamente o sentimento que inicialmente nutri ao aderir à linha teórica sustentada por Z. Z.

STRANSKY, A. GRECOROVA e, particularmente, por W. RUSSIO¹⁰. Hoje, compreendo que o candidato a paradigma defendido por estes e outros autores é aquele que reúne melhores condições para responder aos desafios colocados para a museologia atual. Além disso, ele se apresenta como sendo capaz de promover poderosa síntese e absorver todas as articulações concorrentes.

Como poderia ser constituído o objeto de estudo da museologia a partir da aceitação deste paradigma?

Seguindo a picada aberta pela Prof^a. RUSSIO compreendo a museologia como uma disciplina que tem por objeto de estudo a relação profunda entre o homem / sujeito e aos objetos / bens culturais num espaço / cenário denominado museu (institucionalizado ou não). Tudo isso fazendo parte de uma mesma realidade historicamente determinada.

É interessante notar que o debruçamento sobre a relação anteriormente apontada afasta a museologia do objetivismo empirista, que impõe o dado ao sujeito, e também do relativismo subjetivo, que idealiza e fantasia a realidade. este procedimento permite que o praticante da museologia construa o seu objeto de pesquisa de maneira crítica e processual. (CHAGAS [1991:40]).

A construção do objeto de estudo da museologia implica também na demarcação do seu campo de atuação que passa, então a ser delimitado através de três estacas fundamentais:

1. - o homem / sujeito
2. - o objeto / bem cultural partícipes de uma realidade
3. - o espaço / cenário em trânsito

Estas três estacas constituem, em verdade, um ternário matricial, uma unidade básica, uma matriz para o pensamento e a prática museal. Esta matriz está presente na definição de museu, sustentada pelo senso comum, que o compreende como sendo formado de um edifício, uma coleção de objetos e um público, bem

como na definição operacional de museu adotada pelo ICOM¹¹ e na conceituação de ecomuseu (ou museu comunitário) que ancora-se na interrelação entre o território, o patrimônio e a comunidade ou sociedade local.

"Os termos patrimônio, coleção e objeto / bem cultural nos colocam diante da dimensão do tempo ou da memória. Isto fica claro através do termo patrimônio que pode ser compreendido como herança ou um determinado recorte de fragmentos culturais que se transmite de uma geração para outra. Os termos território, edifício e espaço / cenário colocam-nos diante da dimensão do espaço. E os termos comunidade ou sociedade local, público e homem / sujeito, introduzem nesta relação a dimensão humana, a consciência histórica e social. Sem esta última dimensão a museologia e os museus perderiam a finalidade. No entanto, é preciso não esquecer que sob os termos comunidade ou sociedade local ocultam-se classes, grupos sociais e indivíduos determinados e diferenciados". (CHAGAS [1991:40-41])

XII - Campo aberto e arejado

Pelo exposto pode-se compreender que o campo de atuação da museologia está situado no espaço interrelacional do que aqui se convencionou chamar de ternário matricial. Os intelectuais da museologia ao atuarem neste campo, sem perder de vista a relação sujeito / objeto, poderão enfatizar um dos três pontos do ternário ou mesmo o ternário no seu conjunto. Os estudos sobre a instituição museu, sobre a preservação e a dinamização do patrimônio cultural e natural, sobre a atribuição de significado aos bens musealizados e sobre os testemunhos ausentes, estão inteiramente envolvidos pelo campo aqui delimitado.

Como não se trata de um campo acabado e fechado, mas antes em construção, aberto e arejado pela exigência interdisciplinar, os estudos sobre as trocas possíveis com outros campos são de grande importância. Não tenho aqui a intenção de fazer um inventário das

possibilidades de pesquisa no campo delimitado, até porque um esboço de inventário já foi publicado no texto - **O objecto de pesquisa no caso dos museus** (CHAGAS [1991:37-51]). Gostaria de destacar, todavia, que para lavrar no campo museológico a dialética é uma ferramenta imprescindível. É com o seu auxílio que se poderá investigar com maior rigor a construção e a desconstrução dos discursos; o papel social da museologia e do museu; a relação homem / sujeito e objecto / bem cultural incluindo aí a atribuição de valores; a contradição radical entre a preservação e a dinamização cultural etc.

XIII - E agora José - a museologia é um problema

Em conexão com a delimitação do objeto de estudo e do campo de actuação da museologia tem-se que a museografia - enquanto museologia aplicada - estuda as condições práticas e operacionais de ocorrência do fato museal (12). Nesta mesma linha o museu deverá ser compreendido como o espaço / cenário - institucionalizado ou não - no qual se desenvolve a relação específica do homem / sujeito com o objeto / bem cultural. É no seio desta relação que, por seu turno, se desenvolvem as ações de preservação e dinamização cultural.

O esforço aqui desenvolvido orientou-se no sentido de fortalecer (13) a posição de um candidato a paradigma museal, sem nenhuma pretensão de aniquilamento dos candidatos correntes. Esta última afirmação é importante na medida em que permite esclarecer a possibilidade de convivência mais ou menos harmoniosa, mais ou menos conflitante, de tendências concorrentes. A tentativa de eliminar e fazer calar definitivamente os elementos concorrentes (ou mesmo de oposição) significa, em última instância, tentar em vão paralisar a própria dinâmica do conhecimento. Ao lado da impossibilidade prática de destruição do processo de conhecimento, é importante afirmar o óbvio caráter provisório de todo e qualquer paradigma estabelecido. É evidente que ao assumir essa postura carrego comigo toda uma bagagem de pressupostos e toda uma carga de valores que, de forma consciente e inconsciente, permeiam o discurso construído.

Estou consciente de que estamos caminhando sobre um campo minado. Como afirma T.KUHN: "Tal como os artistas, os cientistas criadores precisam, em determinadas ocasiões, ser capazes de viver em um mundo desordenado".

Essa situação de caos teórico é experimentada na museologia, e isto a torna particularmente desafiadora. A museologia está mesmo em construção e talvez cada um de nós possa colaborar com um pouco de argamassa ou com um pequeno tijolo para a sua edificação que estará inacabada. No momento, a certeza que temos é que a museologia está viva e isto é um problema.

NOTAS

- (1) Conferência apresentada no V Fórum Nordeste de Museologia, realizado em Salvador (Ba), novembro de 1992.
- (2) A citação longe de representar uma adesão ao credo neopositivista, intenciona indicar que mesmo POPPER trabalha com prescrição e em certos aspectos se aproxima de uma abordagem dialética.
- (3) Verso extraído da composição denominada Construção, de autoria de Chico Buarque de Holanda.
- (4) O problema da teoria no pensamento clássico (filosofia grega e medieval) é tratado de forma sucinta, mas bastante interessante por Otaviano Pereira, no livro **O que é teoria**, Brasiliense, São Paulo, 1986.
- (5) O debate POPPER-KUHN foi abordado no livro **Construindo o saber**, organizado por Maria Cecília M. de Carvalho, Papirus, Campinas, 1989.
- (6) Segundo T. S. KUHN o paradigma "indica toda a constelação de crenças, valores, técnicas, etc..., partilhadas pelos membros de uma comunidade determinada", mas também "denota um tipo de elemento dessa constelação: as soluções concretas de quebra-cabeças que, empregadas como modelos ou exemplos, podem

- substituir regras explícitas como base para a solução dos restantes quebra-cabeças da ciência normal". [1991:218]
- (7) "A maioria dos cientistas, durante toda a sua carreira, ocupa-se com operações de limpeza. Elas constituem o que chamo de ciência normal. Examinado de perto, seja historicamente, seja no laboratório contemporâneo, esse empreendimento parece uma tentativa de forçar a natureza a encaixar-se dentro dos limites preestabelecidos e relativamente inflexíveis fornecidos pelo paradigma". (KUHN [1991:44-45])
 - (8) Texto citado pela Prof^a. W. RUSSIO, em artigo publicado na **Revista de Museologia**, do Instituto de Museologia/SP, 1989.p.8.
 - (9) Interrogação formulada por V. SOFKA, em setembro de 1987, incluída no texto elaborado para o Simpósio de Museologia e Museus, Helsinki, **ICOFOM Study Series, n. 12**
 - (10) Existem pequenas diferenças nas abordagens desenvolvidas pelos autores citados. STRANSKY, por exemplo, considera a abordagem de GREGOROVA muito vinculada ao museu. W. RUSSIO desenvolve o conceito de fato museal ou museológico.
 - (11) A definição operacional de museu encontra-se nos **Estatutos do Conselho Internacional de Museus (ICOM)**, Paris, Unesco, 1987.
 - (12) O facto museal é a relação profunda entre o homem / sujeito e o objeto / bem cultural, num espaço / cenário chamado museu (ou mesmo fora dele).
 - (13) Ao fortalecer a posição de um candidato a paradigma não estou, de forma alguma, invalidando a possibilidade de utilização de outros modelos para a solução de determinados problemas museológicos.

BIBLIOGRAFIA

- 1992 - TRIVIÑOS, A.N.S. **Introdução a pesquisa em Ciências Sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo. Atlas. 175 p.
- 1991 - CHAGAS, M.S. O objeto de pesquisa no caso dos museus. In: **Apontamentos Memória & Cultura**. Rio de Janeiro, MACC/UNIRIO, p. 37-51.
- 1991 - KUHN, T. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo, Perspectiva, 257 p.
- 1990 - RUSSIO, W.C.G. Conceito de Cultura e sua interrelação com o Patrimônio Cultural e a preservação. In: **Cadernos Museológicos** nº 3 Rio de Janeiro, IBPC. p. 7-12.
- 1989 - CARVALHO, M.C.M. (org). **Construindo o saber**. Campinas, Papirus, 180 p.
- 1989 - MENSCH, P.V. Objeto - Museo - Museologia: El Eterno Triangulo. In: **Cuadernos de Museologia**. Lima, Museo de Arte Popular, p. 47-51.
- 1989 - RUSSIO, W.C.G. Museologia e Identidade. In: **Cadernos Museológicos** nº 1 Rio de Janeiro, IBPC. p. 39-46.
- 1989 - SOFKA, V. A galinha ou o ovo? In: **Cadernos Museológicos** nº 1. Rio de Janeiro, IBPC, p. 9-11.
- 1986 - CASTRILLON-VIZCARRA. A. **Museo Peruano: Utopia y realidad**. Lima, Industrial Gráfica, 138 p.
- 1986 - PEREIRA, O. **O que é teoria**. São Paulo, Brasiliense, 90 p.
- 1981 - DEMO, P. **Metodologia Científica em Ciências Sociais**. São Paulo, Atlas, 255p.
- 1976 - POPPER, K. A racionalidade das revoluções científicas. In: **O homem e a ciência n. 1 - Problemas das Revoluções Científicas**. São Paulo. USP p. 91-122.
- 1974 - BERGER, P. I. & LUCKMANN T. **A construção social da realidade**. Rio de Janeiro, Vozes, 247 p.
- 1972 - PLATÃO, FÉDON. São Paulo, Abril Cultural.

- 1970** - ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo. Mestre Jou, 976 p.
- s.d.** - BACHELARD, G. **A construção das teorias científicas** (Apostila do curso de Mestrado em Administração de Centros Culturais/UNIRIO).
- s.d.** - LITTLEJOHN, S.W. **Fundamentos Teóricos da comunicação humana**. Rio de Janeiro, Zahar, 407 p.
- s.d.** - MENSCH, P.V. **The Object of Knowledge in Museology**. xerox. 10 p.